## CAMPO EXPANDIDO COM LUIZ ZERBINI

## Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Luiz Zerbini

Meu nome é Luiz Zerbini, sou artista plástico, e estou inaugurando dia 4 de novembro a exposição chamada "Campo Expandido", no 0i Futuro, no Flamengo, que ficará até 13 de dezembro. Eu nasci em São Paulo, e me mudei para o Rio de Janeiro, em 1982. Moro há muitos anos na Gávea, mas morei ao lado do Jardim Botânico. Então frequentei muito o Jardim Botânico e, desde que minhas filhas nasceram, vou quase que diariamente ao Jardim Botânico. O que eu estou mostrando aqui nessa instalação, que é a principal da exposição "Campo Expandido", é um apanhado, um resumo das plantas, das árvores, das palmeiras, das bromélias que eu gosto de pintar e venho pintando durante esses anos todos. A ideia da instalação é como se ela fosse uma versão tridimensional de uma pintura minha figurativa. Comecei fazendo pinturas figurativas, faço objetos também, trabalhei com fotografia. Sou de um grupo que faz instalações sonoras chamado Chelpa Ferro, em parceria com meu amigo, o escultor Barrão; e com Sergio Mekler, que trabalha com cinema, edição e montagem; e faço instalações também.

"Campo Expandido" é uma paisagem, como se fosse um mangue, uma restinga, com um chão de areia, onde eu já visitei e passei muitas vezes. Faz parte da minha memória essa paisagem, onde você vê uma areiazinha branca, onde brota um monte de plantas e tem um monte de restos de coisas, de ossos, de garrafas plásticas, pequenas cores, que no fundo branco da areia, acabam se destacando e que chama a atenção do olhar. Também os detalhes das plantas, a forma das plantas, as cores das plantas, a beleza das flores, dessas bromélias, sempre me chamaram a atenção. É uma mistura dessas coisas todas. Ao mesmo tempo, existe uma geometria na composição da instalação que também me acompanha. Eu faço, além de pinturas figurativas, pinturas geométricas, abstratas, partindo de um grid, e esse grid está representado aqui também na construção desse plano, é como se fosse um jardim japonês suspenso tropical, que fica 40 centímetros do chão. Ele se destaca do chão, como se ele selecionasse umas placas de paisagem que eu fui dispor lado a lado, dentro dessa estrutura geométrica, desse grid. Eu uso uma fita adesiva fininha para fazer marcações nas pinturas. Em determinado momento, eu tive a ideia de fazer essas marcações no vidro e jatear esse vidro, e ele dá uma

sensação, quando é sobreposto a outro vidro, ou mesmo quando a luz incide em cima desse vidro, ele projeta uma sombra na areia branca, como se fosse um "moiré", e que faz essas ondas ganharem um movimento, um efeito ótico, dando a sensação de que ela tem um movimento. Então, eu encaixei uma série de retângulos dentro desse grid, que estão cobertos com esse vidro jateado, onde a luz incide e projeta num outro plano, que está um pouco mais abaixo desse vidro, uma sombra, como se fosse uma sombra do rio mesmo. Isso também é uma paisagem que eu conheço de memória, que é recorrente no meu trabalho. São essas águas amarelas e muito transparentes, que tem nesses rios, tipo na Serra da Bocaina, ou mesmo nas restingas, quando os rios vêm serpenteando em volta da praia e chegam num campo da praia até alcançar o mar, tem essa fusão da água do mar com a água escura, cor de Coca-Cola, às vezes, e também com um tom amarelado, transparente, que encontra a água do mar. Esse campo, eu já tentei muitas vezes, e o que eu estou tentando fazer aqui, é representar de uma maneira tridimensional essa paisagem. Existe uma passarela, também, onde você pode atravessar por cima desse campo, dessa área grande da instalação, que você tem uma visão de cima, onde você consegue destacar melhor e ver em módulos a instalação.

A ideia é tentar fazer a pessoa refletir, pensar. O trabalho todo, no fundo, é sobre um pensamento. É a tentativa de que depois de muitos anos de trabalho, fui percebendo que o que eu faço é tentar criar relações entre as coisas, criar, no fundo, um pensamento. Então, quando se faz uma pintura, aquela pintura está destacada, é o momento do trabalho, um momento da sua vida, onde você fez apenas uma obra. Mas, ai, com o tempo, você percebe que aquela obra está relacionada com outra, que está relacionada com a outra que vem no futuro. Quando você está trabalhando numa peça, você já está pensando na seguinte. Uma ideia acontece, aparece na pintura anterior. Então, aos poucos, eu fui entendendo que o que vai sendo construído é um pensamento sobre a vida mesmo, sobre a sua percepção, a minha percepção do mundo, e que é sempre ligada à natureza. Eu amo o Brasil, acho a natureza no Brasil uma coisa muito especial, muito rica. E eu acredito muito no poder e na potência da floresta em pé. Então, isso tem ficado cada vez mais evidente no meu trabalho. Durante viagens que eu fiz à Amazônia, a Mato Grosso, no Pantanal, ou mesmo aqui na Mata Atlântica, a maneira como as pessoas vivem à beira do rio, a população ribeirinha, sempre tem uma relação muito intensa com a natureza e tem sempre coisas plantadas, muitas vezes, em mesas. Eles fazem umas mesas de madeira, com pedaços de tábua, e botam um monte de vasinhos uns são ornamentais, mas muitos são tempero, são comida. É uma relação com as plantas muito intensa, profunda e linda. Eu pintei já isso muitas vezes, mas, agora, de alguma maneira, eu estou trazendo como um objeto mesmo. Isso tem acontecido. As pessoas estão buscando, agora, ainda mais com a pandemia, uma alternativa de vida mais saudável e mais em contato com a natureza. E a distribuição, a maneira como eles constroem essas mesas, é sempre com restos de madeira. É uma madeira praticamente reciclada ou coisa que se acha no meio do mato. Eu gosto desse tipo de material. Então, você vai encontrar aqui também

mesas com essas características que eu falei agora. Você vai encontrar numa das galerias, umas monotipias. Monotipias são gravuras únicas, não tem cópia. Então, eu entrei como matriz, para fazer essas monotipias, as folhas das árvores reais. Eu cortava folhas, troncos e sementes e usava como matriz, e tintando uma chapa, colocando as folhas em cima, botando o papel e passando pela prensa. Esse é um processo em que eu comecei a trabalhar há cinco anos atrás, com João Sánchez, do Estúdio Baren, que é meu parceiro durante esse tempo todo, e a gente fez essas monotipias no ano passado. É uma técnica nova, para mim, mas que abriu um leque de opções novo, muito importante, que eu mergulhei de cabeça.

E estou muito feliz com o resultado todo. É muito diferente de uma pintura que demora muito tempo para ser feita, demora anos, às vezes, para ser construída uma pintura grande, figurativa, cheia de detalhe. O processo é uma coisa dinâmica, que eu tenho que resolver a composição na hora, e nunca se faz uma monotipia só, quer dizer, eu no meu caso, não, eu faço uma que leva a outra, que leva a outra, então, em cada dia de trabalho, a gente faz várias monotipias. E você consegue perceber a relação de uma com a outra porque, conforme elas vão sendo impressas, as folhas vão ficando entintadas, e eu vou aproveitando essas folhas com tintas e cores diferentes para fazer as monotipias seguintes, as que eu faço depois. É sempre uma sequência de trabalho meio lógica, assim que você vai percebendo quando você vê o conjunto das monotipias.

A exposição era para ser inaugurada em abril, só que, uma semana antes de inaugurar, veio a pandemia, e a gente não sabia quanto tempo isso ia durar. Já estava tudo montado, as plantas já estavam todas plantadas nos lugares, e tal. Nós não sabíamos quanto tempo iam resistir. O projeto duraria três meses, no máximo, quatro meses. Então, foi um desafio manter as plantas vivas esse tempo todo. Eu ia lá visitar as plantas, regar e cuidar delas, e a sensação era muito estranha de entrar naquele lugar, não ter ninguém, e as plantas estarem lá. Se fosse qualquer outro tipo de exposição, seria só ter fechado a porta da galeria ou do museu, e voltar oito meses depois, abrir a porta e a exposição estaria montada. Nesse caso, não foi o que aconteceu porque a gente teve que ficar cuidado das plantas, que se transformaram, umas cresceram, outras morreram. Foi uma coisa muito maluca que aconteceu. Aí, numa das visitas que eu fiz, eu resolvi filmar - eu já tinha o desejo de filmar a instalação. Só que o fato do Covid ter fechado tudo, feito o mundo parar, praticamente, fez com que eu pensasse novamente nesta situação, e mudou a ideia do filme. Então, eu coloquei um monte de luzes, lasers e cores na instalação, no "Campo Expandido", usei um personagem, criei um roteirozinho e fiz uma performance dentro da instalação, que se transformou num filme que está projetado no térreo, logo na entrada do 0i Futuro. Esse filme é como se fosse a visita de uma pessoa chamando o futuro, uma coisa que viesse limpar, cuidar das plantas, um jardineiro do futuro, seria. Um jardineiro intergalático, que veio para cuidar das plantas, enquanto o mundo estava parado. Eu usei uma roupa para fazer esse personagem, e a roupa está exposta numa das galerias também. Uma roupa que eu

fiz a partir de uns trabalhos geométricos, que eu fazia com slides, esses quadradinhos diapositivos, colados um do lado do outro. Eu fazia umas colagens com esses slides. Peguei um desses slides e, com a Isabela Capeto, que é estilista, a gente construiu uma roupa, a partir dessa ideia dos slides. Essa roupa está exposta também na terceira galeria do Oi Futuro.

Ainda tem mais duas esculturas. Uma, que é uma cadeira, com panos que eu uso para limpar o pincel no ateliê, que eu acho que o nome acabou ficando "Cadeira", não sei, não me lembro direito. Mas, é uma cadeira, é fácil de identificar. E tem uma outra escultura que eu fiz, há muito tempo atrás, nos anos 90, ainda, que ficou guardada no ateliê durante muito tempo. No filme, eu usei uma máscara. Esse personagem usava uma máscara camaiurá, que os camaiurás fizeram para a Covid, que era uma máscara que eu usei no filme, e que agora eu estava colocando na escultura junto com o óculos espelhado, que eu também usei na performance. Alguns objetos que eu usei estão espalhados pelas instalações, estão espalhados pela exposição.

Eu fiz também uma interferência no vidro, na fachada do edifício, colocando gelatinas coloridas nos vidros. E a incidência do sol, usando a ideia de que o sol iria bater e iria jogar uma luz colorida por dentro do prédio todo. Então, mais uma vez, como eu disse no começo, é uma sequência de ideias que eu tive, que eu continuo tendo durante esses anos todos, e que agora estão trabalhando todas juntas, todos no mesmo lugar, todas enaltecendo a importância da natureza, da beleza e do amor.